

Invasores não saem nem negociam

Impasse na remoção de moradores da Estrutural. Eles não aceitam ir para o Recanto da Emas e prometem resistir

Marcelo Abreu
Da equipe do Correio

Mais um capítulo de uma novela sem fim. Os moradores da Baixa Estrutural se mantêm em pé de guerra. Não aceitam negociação com o governo, nem admitem ser transferidos, no final de outubro, para duas quadras no Recanto das Emas.

Ontem, foi mais um dia tumultuado na área. Dois fiscais, um do Siv-Solo (Serviço de Vigilância do Solo) e outro da Administração Regional do Guará, acompanhados da Polícia Militar, vasculharam o local para ver se havia algum novo barraco sendo erguido. A ordem era derrubar. Para isso, um caminhão ficou do lado de fora, de sobreaviso, esperando uma possível demolição. Para o bem de todos, não houve.

Apesar de não terem achado nenhum novo barraco durante a vistoria, os fiscais fizeram relatórios, que serão entregues ao governo. "Pelo menos uns 200 barracos foram erguidos nesses últimos dias, depois do último cadastramento feito pela Associação dos Moradores da Estrutural", calcula o fiscal Tavares, do Siv-Solo.

Pouco antes do meio-dia, os fiscais foram embora, depois de parar em

alguns barracos e pedir documentos dos moradores. Eles tiveram que comprovar a inscrição e o cadastramento na Baixa Estrutural.

ROMARIA

Uma romaria de gente aflita e nervosa seguia os fiscais. Parecia procissão. Em cada parada, era o mesmo drama. Palavras de ordem e xingamentos contra o governo deram o tom da manhã na invasão.

No barraco do pedreiro desempregado Luís Santos Costa, 25 anos, os fiscais sentiram de perto a pressão dos moradores. Luís estava aumentando o barraco. "Meu filho de três meses está internado pela segunda vez com pneumonia. Não tem condição de viver assim", lamentava.

Os fiscais pediam explicações sobre os motivos da ampliação do barraco e Luís se justificava. Do lado de fora, os moradores bradavam: "Aqui ninguém vai derrubar nada, só se for em cima do nosso cadáver." Os fiscais foram embora.

Uma moradora mais exaltada, aos prantos, gritava: "Não somos animais. Quando o Cristovam precisou do nosso voto para sentar no trono ele soube vir aqui. Hoje, manda a polícia e o diabo a quatro ameaçar a gente."

Sem discutir, a moradora Odete e sua mãe, Delvina Fernandes, apresentaram todos os documentos assim que os fiscais chegaram ao seu barraco, que estava sendo reformado. "Há mais de 20 anos tenho inscrição na Shis" (Sociedade de Habitações de Interesse Social, hoje Idhab), dizia.

CONFUSÃO

A vice-presidente da Associação dos Moradores da Estrutural (Asmoes), Marlene Cavalcanti Mendes, acompanhou toda a movimentação dos fiscais, sem sair da sede da Asmoes e sem largar o telefone celular. Ela era informada por um fiel colaborador, que participou da romaria pelos barracos junto com os fiscais.

"O governo não quer negociar", acusa Marlene. "E tem mais: se pegar com força contra o pessoal daqui vai ter muita confusão", adverte. A vice-presidente da Asmoes desconversa, mas admite que alguns moradores têm armas. "Não sei onde estão, mas elas existem", diz.

Para a presidente do Instituto de Desenvolvimento Habitacional (Idhab), Alexandra Reschke, ao contrário do que Marlene afirma, o governo não está omissivo diante do problema. "Estamos propondo o reassentamento das 1.484 famílias para outra área. Na semana que vem, com um escritório do Idhab montado no local, começaremos as negociações", informa. Em seguida, é categórica: "Não é o que o governo quer ou deixa de querer. A área é imprópria para habitação. Isso é um fato."

Paulo de Araújo



Odete Fernandes (C) reclama que tem inscrição na antiga Shis, hoje Idhab, há mais de 20 anos e ainda não conseguiu ir